

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA

Andressa Beatriz Leite Santos

A Inserção do jovem estudante negro e periférico no mercado de trabalho

São Paulo

2021

Andressa Beatriz Leite Santos

A Inserção do jovem estudante negro e periférico no mercado de trabalho

Artigo científico apresentado à Escola de Sociologia e Política, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Sociologia e Política, sob a orientação da professora Marta de Aguiar Bergamin.

São Paulo

2021

Catálogo-na-Publicação – Biblioteca FESPSP

331.6396081

S237i Santos, Andressa Beatriz Leite.

A inserção do jovem estudante negro e periférico no mercado de trabalho / Andressa Beatriz Leite Santos. – 2021.

40 p.: tabs., gráf. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Marta de Aguiar Bergamin.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Sociologia e Política – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Inclui referências.

1. Mercado de trabalho. 2. Juventude. 3. Raça. 4. Estudo. 5. Periferia. I. Bergamin, Marta de Aguiar. II. Título.

CDD 23.: Trabalhadores nativos por grupo étnico:
brasileiros negros 331.6396081

Elaborada por Éderson Ferreira Crispim CRB-8/9724

Andressa Beatriz Leite Santos

A Inserção do jovem estudante negro e periférico no mercado de trabalho.

Artigo científico apresentado à Escola de Sociologia e Política da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Sociologia e Política, sob a orientação da professora Doutora Marta de Aguiar Bergamin.

Data de aprovação:

_____/_____/_____.

Banca examinadora:

Nome completo do/a Professor/a, titulação, Instituição e assinatura.

Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias [...] (Racionais MC's)

RESUMO

O intuito deste artigo é propor uma observação de como se dá a iniciação no mercado de trabalho de jovens de 15 a 25 anos de idade, negros e estudantes, residentes na região periférica da zona sul da cidade de São Paulo. O principal objetivo é compreender como a juventude negra e periférica mobiliza o trabalho em suas vidas e quais as formas de inserção utilizadas para lidar com expectativas e frustrações das experiências. Desemprego, falta (ou baixa) qualificação dificultam lidar com dinamismo do mercado de trabalho, buscando também olhar para os estudos juntamente com a ideia de estudar, desses jovens como forma para assim uma possível de compreender os desafios enfrentados por esses jovens.

Palavras-chave: Mercado de Trabalho; Juventude; Raça; Estudo; Periferia.

ABSTRACT

The purpose of this article is to propose an observation of how young people between 15 and 25 years of age, black and students, living in the peripheral region of the southern zone of the city of São Paulo, are introduced into the labor market. The main objective is to understand how black and peripheral youth mobilize work in their lives and what forms of insertion are used to deal with the expectations and frustrations of the experiences. Unemployment, lack (or low) qualification make it difficult to deal with the dynamism of the labor market, also seeking to look at the studies along with the idea of studying, of these young people as a possible way to understand the challenges faced by these young people.

Keywords: Labor Market; Youth; Race; Study; Periphery.

LISTA DE TABELA

TABELA 1. Tabela de Escolaridade, desemprego e inatividade.....	17
TABELA 2. Tabela de Desemprego maior entre Jovens.....	20
TABELA 3. Tabela de Discrepância educacionais do Brasil.....	22
TABELA 4. Tabela de Mercado de trabalho para Brancos e Negros.....	23
TABELA 5. Tabela de Conciliação entre Trabalho e Estudo.....	26

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. Gráfico de escolaridade, desemprego e inatividade.....	15
--	-----------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. DESENVOLVIMENTO	12
2.1 INCERSÃO AO MERCADO DE TRABALHO	12
2.2 FORMAS DE INSERÇÃO.....	19
2.3 TRABALHO X ESTUDO.....	25
2.4 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS	28
3. CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo consiste em compreender como jovens de 15 a 25 anos de idade, negros e estudantes que residem na zona sul de São Paulo, estão começando sua inserção no mercado de trabalho. Visando entender como que cada jovem compreende o estudo e o trabalho em suas respectivas perspectivas. Sendo assim, a pesquisa conta com três blocos: Inserção ao mercado de trabalho, Formas de inserção e Trabalho x Estudo, que completam uma análise geral do tema abordado.

1) O primeiro bloco, pauta a noção de trabalho, utilizando-se do imaginário teórico sociológico e contrapondo com perspectivas sobre emprego/renda/trabalho, temas que permeiam a estrutura social que vivem. Investigando desde os jovens ingressando efetivamente no mercado de trabalho, até adultos que possuem uma bagagem profissional mais consolidada. Buscando analisar a partir de dados a juventude periférica e sua permanência no ambiente escolar, onde são jovens oriundos de escolas públicas, em regiões periféricas.

2) No segundo bloco busca-se compreender as mudanças da sociedade nas novas formas de trabalho e observando os novos requisitos necessários para um emprego não precário. Sendo que, em muitos casos; são currículos com baixa qualificação e que não correspondem às exigências das vagas disponíveis. Fazendo dessas qualificações artifícios estritamente importantes para empresas contratantes, sendo algo utilizado na hora de se fazer o filtro, de pessoas que possam atender aos pré-requisitos de uma possível vaga. Desta forma tais exigências, surtem como principais ferramentas, para o agravamento da desigualdade social, principalmente nos setores periféricos urbanos. Outro componente importante para se fazer essa análise, é entender quais são as medidas públicas e até mesmo privadas, para que ocorra de fato efetivas oportunidades de empregos e quem sabe até novas tecnologias para a garantia da subsistência para a juventude preta como formas de incentivo ao estudo, e conseqüentemente de melhores qualificações curriculares.

3) No terceiro se estabelece um estudo aprofundado, sobre qual é a real dimensão para esses jovens da conciliação entre trabalho e estudo em suas rotinas. Buscando entender também se existiria conciliação com outras esferas de suas vidas, como lazer, relações sociais e conflitos internos. A seguir apresento os dados obtidos por meio de entrevistas com jovens negros da periferia da zona sul de São Paulo. Tendo como intuito fazer uma reflexão sobre educação e o trabalho.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

É importante se ter em mente como podemos introduzir uma interpretação sobre o que seria o trabalho em seus respectivos níveis. Na sociologia, o trabalho carrega dentro de seu significado mais amplo, a criação de uma noção de categoria de ações humanas, tudo aquilo que o indivíduo está disposto a oferecer em troca de algo que garanta sua subsistência. Fazendo com que este indivíduo se mostre como uma máquina para a produção de mais-valia. (PEREIRA, 1965). Sendo então necessário salientar que quando nos referimos ao que seria a ideia de trabalho, precisamos compreender que o ato de se vender como mão de obra está a séculos enraizado na história do mundo, desde os primórdios dos tempos, afinal o homem sempre necessitou do trabalho para assim poder suprir com suas necessidades, e deste modo poder assegurar a sua sobrevivência; o exercício intrínseco de trabalhar para então consumir.

Abstratamente considerada, a qualificação do trabalho caracteriza-se como constituição da força de trabalho adequada a realização da *eunomia* do processo global e dos processos parciais de produção de bens e serviços, exprimindo-se está nas várias manifestações da lei de equilíbrio interno do conjunto das forças produtivas. (PEREIRA, 1965, p. 37)

Podemos dizer que tal *eunomia* apresentada por Luiz Pereira está relacionada em toda e qualquer sociedade capitalista e assim a naturalização do trabalho não só de maneira geográfica, mas também estruturalmente geracional.

A se fazer uma análise sobre o que é o trabalho no imaginário do senso comum, a noção de ofício não somente é vista como um ato de sobrevivência, mas sim como uma forma de emancipação e de crescimento pessoal para cada indivíduo que busca a sua individualidade e a execução de sua própria autonomia e emancipação.

Quando mais novos ao questionar nossos pais, avós ou responsáveis, com o que os mesmos trabalham ou já trabalharam na vida, as respostas dadas não se valem apenas de uma única experiência de emprego, mas sim trazem na bagagem suas singulares trajetórias profissionais, o entendimento sobre qual é peso do trabalho em suas vidas. Desta forma quando nos deparamos com uma realidade singeleza, tais respostas possuem um peso ainda maior, já que muitos jovens periféricos na maioria dos casos, foram criados em condições mais simples de vivência, de modo que viam seus pais/responsáveis trabalhando por vezes em condições precárias de trabalho. Gerações que estiveram propensas a má remuneração salarial, sendo um fator a baixa escolarização.

“As oportunidades no mercado de trabalho são desiguais e mostram diferenças significativas nas características geracionais, especialmente quando nos deparamos para os jovens com as diferenças de classe, de gênero e de raça; além disso, podemos constatar que o local de origem dos jovens também compõe um quadro de seu contexto social que agrava as barreiras de oportunidades para quem vive na periferia. Não é difícil observar que, para os jovens pobres, para as mulheres, para os negros, há um enfrentamento, de situações desprivilegiadas no Brasil, de forma geral.” (BERGAMIN, 2013, p.142)

Construindo então uma hipótese de que conforme o jovem periférico cresce e observa então a situação na qual seus pais o criaram, ele começa de maneira precoce ter o discernimento necessário sobre como o dinheiro pode abrir algumas portas, sendo um artifício inevitável para melhoria de vida. Partindo de estabelecer para si mesmo a iniciativa de querer mudar a sua realidade e a de sua família. Até mesmo ser o primeiro da família a ter um diploma universitário, e até mesmo uma melhor estabilidade financeira, algo infelizmente que não proporcionado a gerações anteriores as dele.

Buscamos aqui conceber como o processo de iniciação ao mercado de trabalho pode ser algo de extrema importância, para que este mesmo jovem negro periférico consiga estabelecer o início de sua trajetória profissional e no futuro ter melhores oportunidades de emprego.

“A própria palavra inserção tão recorrentemente utilizada quando se trata de formular problemas relativos aos jovens no mercado de trabalho, pode encobrir em um conjunto amplo e variado de questões. Expressões como “dificuldades de inserção juvenil no mercado de trabalho” ou “inserção profissional” são termos que emergem em contextos sociais específicos” (CARROCHANO, MARIA; ABRAMO, LAIS, 2016, p. 114).

A luz de tal citação, é importante entender, que esta mesma inserção, pode não ser algo simples, já que grande parcela dos jovens pretos e pardos no mundo do trabalho encontra dificuldades ao que se refere desenvolver uma ocupação efetiva, tendo então uma maior informalidade nas relações de trabalho como já citado anteriormente e conseqüentemente menores rendimentos também. Segundo, as autoras do artigo, *Juventude Negra e Exclusão Radical*, publicado em 2005, Maria Aparecida Silva Bento e Nathalie Beghin, apontam que segundo dados oficiais obtidos, no ano de 2003, de cada dez jovens negros de 18 a 24 anos de idade, quatro encontravam-se desempregados; entre os brancos essa relação era de um para seis. Dados estes, que por mais que possuam um considerável tempo de pesquisa, continuam a apresentar significância ao se pensar no contraste aos tempos atuais. De modo que, por mais que muito da estrutura social tenha mudado, quando nos deparamos sobre o é de fato o mercado

de trabalho hoje em dia, onde¹ a presença de pessoas pretas é maior do que a de pessoas brancas. Porém quando se trata de uma remuneração salarial adequada a presença da estrutura corporativista branca se mostra contundente, possuindo assim reverberações expressivas e conseqüentemente estagnadas. Todavia como já citado, devemos sempre levar em consideração a existência de setores específicos que se estabelecem no mercado de trabalho, onde se existe uma predominância maior de pessoas brancas. Já em outros setores, muito se vale ainda de uma maior concentração de pessoas pretas inclusas, informação está importante, que ao longo do artigo, tal debate será esmiuçado de maneira apropriada.

Fazendo uso então disso, é nítido perceber como tamanha lacuna social, consegue reproduzir uma segregação, que não só se estabelece de forma mercantil, mas ao mesmo tempo, racialmente falando. Não somente isso, as dificuldades para a inserção da juventude periférica, pode se valer também de outros níveis importantes, como é o caso da educação.

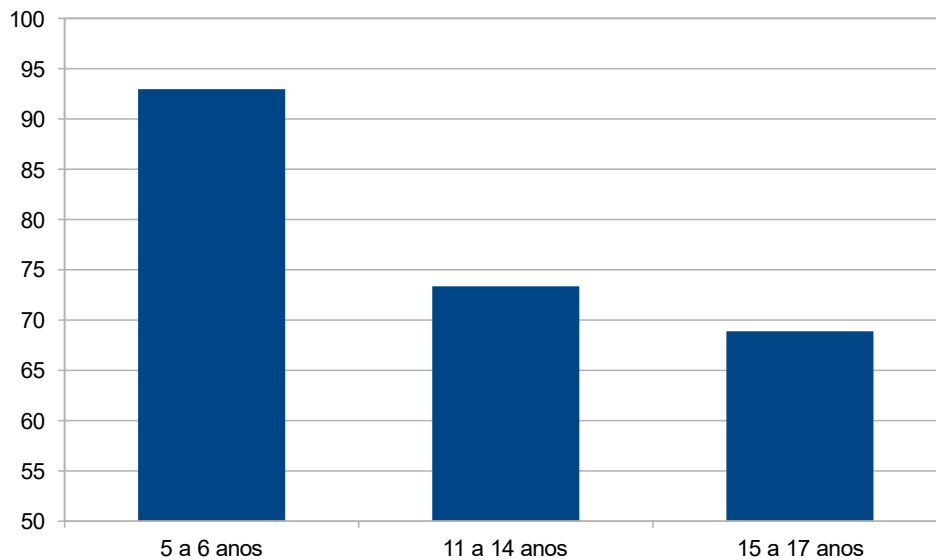
Nas regiões periféricas, o ensino sempre foi visto como inferior em comparação a regiões com maior poder aquisitivo. De acordo com o índice de desenvolvimento humano municipal, onde tem como função de maneira sintetizada, a medição do desenvolvimento humano em escala local, sendo ele composto por três dimensões: longevidade, educação e renda. No ano de 2010, o IDH, diante de mais uma de suas pesquisas, disponibilizou de forma mais detalhada a real dimensão educacional nos municípios de São Paulo, sendo está mesma dimensão educacional composta pela combinação do fluxo escolar da população jovem e a escolaridade da população adulta.

O indicador de fluxo escolar, tem como principal objetivo acompanhar a população em idade escolar em quatro momentos: Ensino básico infantil, crianças de 5 a 6 anos; jovens de 11 a 14 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental; jovens de 15 a 17 anos com ensino médio fundamental completo, e por fim jovens formados no ensino médio, de 18 a 20 anos.²

Gráfico 1. Gráfico de frequência escolar na periferia de São Paulo.

¹ Dados em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2018/11/20/negros-sao-maioria-no-mercado-de-trabalho-mas-com-remuneracao-menor/>> Acesso em: 24 de setembro de 2021.

² A dimensão Educacional do IDH-M na cidade de São Paulo <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/informes_urbanos/?p=252608> Acesso em: 25 de setembro de 2021.



Dados: Índice de Desenvolvimento Humano municipal (IDH-M) – (2010)

³De acordo com dados obtidos na pesquisa podemos perceber o alto índice de frequência entre crianças de 5 a 6 anos. Contudo quando observamos os resultados diante de outras faixas etárias do indicador, notamos os números caindo significativamente, logo quando percebemos que a presença no ambiente escolar para jovens de 11 a 14 anos que por conseguinte ainda estão a frequentar os anos finais do ensino fundamental, esta mesma frequência se apresenta de maneira regular comparado ao ensino básico infantil, sem mensurar uma queda ainda maior ao que se refere aos jovens periféricos de 15 a 17 anos com ensino fundamental já concluído.

Ainda partindo do estudo realizado pelo IDH, no ano de 2010, a discrepância da desigualdade educacional, se mostra ainda mais latente quando observamos bairros como Vila Mariana e Pinheiros. Onde a metade da população entre os 18 e 20 anos já possuía o diploma do ensino médio um total superior a 70%. Em contrapartida a isto, lugares como Parelheiros e Cidade Tiradentes, a população local com a mesma faixa etária citada nem sequer tinha completado o ensino médio ocasionando a totalidade de menos de 35%.

É inegável que muita coisa ainda permanece estagnada. Por mais que os números apresentados pelo IDH, foram coletados a uma década atrás, mostra uma realidade de desigualdade.

De maneira que quando analisamos uma pesquisa realizada recentemente pelo IBGE, de 2019, o estado de São Paulo apresenta uma alta queda na taxa de escolarização de jovens. Entre

³ Dados referente a pesquisa do IDH-M
<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/informes_urbanos/?p=252608 > Acesso em: 25 de setembro de 2021.

os anos de 2018 e 2019 foi indicado a presença de um crescimento da evasão escolar em várias faixas etárias, sendo a maior delas entre jovens de 15 a 17 anos, onde o índice passou de 87,4% daqueles que estavam na escola em 2018. Já no ano de 2019, passaram para 86, 2%, obtendo uma queda relativa de 1,2%. Outra queda importante a ser aqui mencionada, é a faixa etária entre 18 e 24 anos, estudantes já formados no ensino médio, porém que a todo custo, ainda querem permanecer em sala de aula, o índice se equivaleu de 29,8% em 2018, para 29, 4% em 2019⁴.

É pertinente se pensar como a questão da “funcionalidade qualificadora” (o que se refere a ter um diploma ou não) se instaura nas camadas mais carentes da estrutura social, como tais dados sugerem, não só mostram como a desigualdade racial e social. Mas principalmente uma precarização educacional onde o entendimento se estabelece em descobrir o por que estes números estão cada vez mais agravados? Estaria algo relacionando com a própria escola? Um ponto que deve ser mencionado aqui, e que posteriormente no artigo, será um tópico também melhor abordado, é fator de que muitos jovens, enxergam a grade curricular escolar com certa relutância, pela questão de não possuir uma identificação com as matérias dadas, onde sentem que não são escutados.⁵

Poderia este ser um dos elementos fundamentais para uma efetiva busca de conhecimentos específicos? Como cursos preparatórios e de capacitação para o mercado de trabalho? Já que na escola, isso de acordo com os mesmos, não é algo que é ensinado?

Ao se pensar nisto poderíamos começar também a obter um entendimento mais amplo, sobre quais são os desafios que está mesma juventude preta e periférica estaria propícia a encontrar no caminho da sua efetiva instalação no mundo do trabalho. Sendo o maior deles, o famigerado desemprego. Fazendo com que aquele famoso dilema se reverbere ainda mais nas camadas periféricas da sociedade, “muita gente querendo trabalhar, para pouco serviço oferecido”.

O desemprego é um dos maiores problemas dentro do mundo mercantil, sendo o mesmo caracterizado por uma alta procura de oportunidades em sua maioria, porém nem todos possuem determinadas qualificações e especializações para concorrê-las, ainda mais quando a todo

⁴ Dados: Taxa de escolarização cai entre jovens em idade escolar no estado de São Paulo, diz pesquisa do IBGE <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/educacao/noticia/2020/07/15/taxa-de-escolarizacao-cai-entre-jovens-em-idade-escolar-no-estado-de-sao-paulo-diz-pesquisa-do-ibge.ghtml>> Acesso em 22 de novembro de 2021.

⁵ Dados obtidos diante da pesquisa de Miriam Abramovay <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/pesquisa-aponta-maioria-dos-jovens-brasileiros-concilia-trabalho-estudo>> Acesso em: 30 de novembro de 2021.

momento tais requisitos são constantemente atualizados, diante do dinamismo que o mercado de trabalho apresenta comparado com a estagnação que há na qualificação dos jovens negros e periféricos, de modo que é fique cada vez mais difícil apresentar uma reciclagem curricular eficiente, ainda mais quando grande parte das vagas de empregos oferecidas se detém a pessoas que possuem poder aquisitivo para fazer aperfeiçoamento curricular constante, e assim conseguindo acompanhar as atualizações que o mercado de trabalho a todo momento requisita.

Tabela 1. Tabela de escolaridade, desemprego e inatividade.

Nível de escolaridade, por tipo de desemprego, mais inativos - 1989 e 2001 (em %)

	Situação Ocupacional					
	Desemprego com trabalho precário		Desemprego aberto		Desemprego por desalento	
	1989	2001	1989	2001	1989	2001
Ano	1989	2001	1989	2001	1989	2001
Taxa média anual	1,5	4,5	6,5	11,2	0,7	1,7
Escolaridade						
Analfabeto	6,5	5	5	3	4,7	4,1
Ensino Fundamental Incompleto	64,2	47,3	62,2	34,5	63	40,6
Ensino Fundamental Completo + Ensino Médio Incompleto	18,3	25,9	21,1	30,5	19,3	29,9
Ensino Médio Completo + Ensino Sup. Incompleto	8,9	19,4	8,8	28,1	9,8	22,2
Ensino Sup. Completo	2	2,4	2,9	3,9	3,3	3,2
Total	100	100	100	100	100	100

Dados: PED (Seade/Dieese), Tabulação própria 2004

Na presente tabela, apresentada por Fabiana Augusta Alves Jardim (2004), em seu artigo de mestrado para a USP, “*Entre o desalento e a Invenção: experiências de desemprego em São Paulo*”. A apresentação dos dados se estabelece, diante de uma conjuntura não tão atual. Contudo é diante deste gráfico que conseguimos notar que quando se refere a escolaridade, o indivíduo que não possui ao menos o ensino médio completo, tende a maiores chances de ficar sem registro em carteira, um total de 29,9%, já aqueles que pelo menos possuem o diploma de ensino médio no currículo, apresentam melhores números de comparação, ao todo 22,2%, mesmo até não possuindo um diploma no ensino superior, salientando novamente a presença

de uma possível segregação educacional. Já para pessoas que nem sequer chegaram a concluir o nível fundamental de educação ou ao menos foram alfabetizadas, tal realidade se apresenta ainda mais estarrecedora, estando sujeitas a prestação de serviços em espaços ainda mais precarizados de trabalho.

“Observando os dados de 1989, apenas em relação ao desemprego aberto, notamos que havia 5% de analfabetos e 62,2% de pessoas sem o ensino fundamental completo. Em 2001, os analfabetos são 3% e as pessoas sem o ensino fundamental completo 34,5%, uma imensa diferença portanto. Se nos concentrarmos na faixa que abrange pessoas com ensino médio completo e ensino superior incompleto, a diferença é ainda mais visível: 8,8% em 1989 e 28% em 2001, o que mostra que os indivíduos, não apenas completaram mais o ensino fundamental, mas permaneceram na escola por mais tempo.” (JARDIM, FABIANA, 2004, p.56).

É importante pontuar que por mais que estes dados se referem a uma conjuntura de 21 anos atrás, em como a questão da educação se transformou, ao se pensar em uma realidade em que os predecessores da juventude de hoje tinham que escolher entre se trabalhar e estudar. Fazendo então para muitos o não acesso à educação em seu nível mais básico. De modo que se ter uma pessoa com um diploma universitário na família se caracterizava muito mais a uma classe social abastada e que tinham poder aquisitivo o suficiente para fazer tal investimento em si mesmos e em seus filhos.

Se os dados Fabiana Jardim já trazem determinada discrepância educação e por conseguinte já mostravam de certa forma tamanha lacuna social, mesmo sendo coletados em uma perspectiva de duas décadas atrás, podemos abrir o seguinte questionamento, como cada jovem periférico pode se destacar e até mesmo sobreviver em meio a uma multidão de pessoas que querem o mesmo que ele? Talvez, uma boa resposta para isso, seria o fator destes mesmos jovens, terem muito receio de ficar para atrás, um medo de ter uma vida circunstancialmente difícil como foi a de seus familiares/responsáveis o temor de não se garantir sua própria independência ou melhor subsistência, temor este maioria, é passado de geração em geração, o fazer um bico⁶ em uma linguagem mais informal e atualmente resinificada, o se “fazer um corre”⁷ usada por paulistanos, ambas se apresentam sobre o sentimento de não se sentir estagnado e de não ser mais a um a fazer parte da estatística de desemprego.

⁶ “Fazer um bico” Trabalhar em empregos temporários ou nas horas vagas, como uma fonte de renda extra. < <https://www.dicionarioinformal.com.br/fazer+bico/> > Acesso em: 4 de outubro de 2021.

⁷ “Fazer um corre” é uma expressão usada para fazer referência a resolver um problema. Comparecer a um compromisso. Fazer um corre, significa estar correndo atrás de alguma coisa. Tentar resolver algo. < <https://www.dicionarioinformal.com.br/fazer+um+corre/> > Acesso em: 4 de outubro de 2021.

2.2 FORMAS DE INSERÇÃO

Como foi exemplificado ao longo deste artigo, foi possível entender mesmo que de quais são fórmulas estruturadas na sociedade na qual pertencemos, para a não ingressão de pessoas negras, a determinados nichos no mercado de trabalho. É de extrema importância ter o discernimento para se compreender quais seriam os mecanismos para que esta inserção no mercado de trabalho aconteça para estes jovens e de modo a isso ocasionar em sua própria sobrevivência em uma estrutura social.

É diante de programas de políticas públicas e iniciativas criadas para o fortalecimento de uma efetiva autônoma financeira, que muitos rapazes e moças negros e periféricos, garantem sua inserção no mercado de trabalho e por consequência uma ascensão econômica.

É necessário compreender primeiramente quais seriam as classificações do trabalho pois é diante delas que conseguimos entender onde este grupo de estudo está permeado e suas singularidades, Silva (2014), e como os mesmos entendem o trabalho formal.

É por meio de programas/políticas de inserção ao mercado de trabalho que acontece a integração e participação de jovens que estão em busca de oportunidades de empregos e com isso realiza o surgimento de organizações muitas vezes privadas, que buscam seguir as leis trabalhistas e contribuir de alguma forma para a sociedade. Como é o caso da Lei de Aprendizagem (10.097/ 2000), onde tem por intuito assegurar aos jovens a inserção no mercado de trabalho em todas as empresas de médio e grande porte, que tem por “obrigação” por lei a contratação de um determinado número de aprendizes. Sendo equivalente a um percentual de no mínimo 5% a 15% do quadro de funcionários da empresa. Ressaltando que a presença do jovem na escola é um dos principais requisitos para a sua permanência no programa.

Outros programas e políticas que devem ser pontuados neste artigo, como é o caso do programa Pronatec, criado em 2011 pelo Governo Federal, onde tem como objetivo a ampliação e oferta de cursos profissionais e tecnológicos de nível médio e de formação inicial. O Pronatec tem como principal premissa proporcionar para jovens que não possuem condições financeiras, a ingressão ao mercado de trabalho por meio de cursos técnicos e de capacitação. Cursos estes ofertados pela rede pública federal, Senai e Senac. Sendo um artifício essencial para que a inclusão de jovens muitas vezes periféricos, possam ter a garantia de uma melhor oportunidade emprego diante do nível qualificador curricular. Outra política a ser pontuada, é o do Programa Nacional de Primeiro Emprego- PNPE, tendo sua criação ocasionada em 2003,

estabelecido essencialmente por jovens de 16 a 24 anos, provindos de famílias carentes e sem nenhum vínculo empregatício, onde o principal requisito é estar cursando o ensino médio, fundamental ou outros cursos. (GUIMARÃES; ALMEIDA, 2018).

O último e o não menos importante é o Programa Empreendedorismo e Responsabilidade Social, direcionado a criação de crédito para os jovens através de uma linha especial, tendo como condição indispensável ter uma qualificação através de uma capacitação. (GUIMARÃES; ALMEIDA, 2018).

Talvez por conta de algumas burocracias ou na não adequação de requisitos-chaves de alguns programas,⁸ o desemprego se mostra uma realidade cada vez mais frequente. Atualmente o desemprego é maior entre jovens, mulheres e trabalhadores sem ensino superior, sendo então mais grave para jovens pretos e pardos, e consequentemente jovens moradores da periferia.

Tabela 2. Desemprego maior entre jovens.

Desemprego maior entre jovens	
Faixa etária	%
Total	11,8
14 a 17 anos	39
18 a 24 anos	25,3
25 a 39 anos	10,8
40 a 59 anos	7
60 ou mais	4,2

Fonte: G1 Infográfico elaborado em 23/02/2018

Diante do gráfico apresentado podemos notar que os jovens são os que mais sofrem com a falta de trabalho do que os mais velhos. Dados estes colhidos pelo IBGE. De modo que podemos observar o quão escasso é emprego de carteira assinada.

E diante disso muitos jovens acabam “optando”, na maioria das vezes pelo trabalho autônomo. Para o coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, Cimar Azeredo⁹, ser um trabalhador autônomo, caracteriza um indivíduo que desenvolve atividade econômica enquanto ainda não tem emprego registrado. Sendo essa população propícia a aumentar em momentos de crise econômica. A associação ao emprego sem registro em carteira, se correlaciona ao que seria o trabalho informal, no geral, um trabalho mais precário.

⁸ Dados em <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/desemprego-e-maior-entre-jovens-mulheres-e-trabalhadores-sem-ensino-superior.ghtml>> Acesso em 21 de outubro de 2021.

⁹ Fala do coordenador de trabalho e Rendimento do IBGE <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/desemprego-e-maior-entre-jovens-mulheres-e-trabalhadores-sem-ensino-superior.ghtml>> Acesso em 28 de out. 2021

Com a ascensão cada vez mais notável do trabalho autônomo, vemos o poder do empreendedorismo ter um grande crescimento, um projeto ou movimento ser capaz de alavancar mudanças e gerar um impacto positivo nas pessoas que estão sofrendo com falta de empregos formais. E é diante de projetos de incentivo ao empreendedor, que eventos como a Feira Preta, são cada vez mais presentes na vida daqueles que querem alcançar autonomia financeira¹⁰. A Feira Preta se constituiu a ser o maior festival de cultura negra da América Latina, tendo como definição dos próprios envolvidos do projeto, ser uma “criança preta que foi criada coletivamente [...] revirando estatísticas e alimentando muitos sonhos. Uma criação que ensina trabalhadores autônomos a como andar sobre as próprias pernas.”, tendo já 20 anos da sua história consolidada.

É de suma importância compreender, que eventos como este, no caso a Feira Preta, não só carregam dentro de si, a criação sobre uma resistência de uma sociabilidade, mas ao mesmo tempo trazendo consigo singulares mecanismos na articulação, na prática de se fazer política e economia. Fazendo a Feira Preta, ser um evento pautado na ideia de uma autonomia financeira, utilizando de recursos de toda uma ancestralidade.

Por meio de um projeto de doutorado construído por Gleicy Mailly da Silva, entre os anos de 2012 e 2016, podemos observar a profundidade e dinamismo que o evento possui, o significado e relevância que carrega, para as pessoas que estão ali presentes, que estão a mostrar o seu trabalho com tamanho cuidado e comprometimento. A pesquisadora teve como ponto de partida a investigação entre duas ferramentas de indagação, sendo a primeira delas pautada na dimensão identitária das práticas econômicas (SILVA, 2018), onde faria nos permitir atentar para a própria noção de mercado e o uso dos objetos apresentados no evento, como mecanismos de expressão das identidades ali presentes. E a segunda questão trazida no debate de Gleicy sobre o festival, seria a noção de dimensão estratégica de cultura, onde no mundo contemporâneo passa a ser utilizada por empresas, organizações transnacionais, setores do poder público e da sociedade civil, para atingir fins econômicos (SILVA, 2018).

À luz disso, a autora afirma que para estabelecer uma resposta completa para ambas as questões, é pela noção de cultura negra que está relacionada com a promoção de uma consciência política e dessa forma estimular a autoestima da cultura preta (SILVA, 2018). Ou seja, tal dimensão identitária estaria atrelada a um reconhecimento positivo sobre a corporalidade negra, algo que foi a todo momento, ao longos de anos, foi removido da estrutura

¹⁰ Festival Feira Preta. < <http://festivalfeirapreta.com.br/> > Acesso em: 28 de out. de 2021

social. A identificação da população preta na constituição é um movimento de caráter nacional, tornando a “cultura negra”, uma composição de experiências de resistência a opressão e de luta contra o racismo. E ao se pensar neste mecanismo de fortalecimento para a cultura e na política do movimento negro, não seria diferente entender a efetiva necessidade da presença de autonomia financeira para as pessoas que permeiam tal espaço, levantando então mais ainda a consideração e importância de eventos que encorajam alternativas para o suprimento de tais necessidades. Sendo elas não só caracterizadas ao empreendedorismo como um todo, mas sim com o compartilhamento de noções de ancestralidade do povo negro, e a visibilidade inegável que tal movimento merece receber, sustentas pelo trabalho autônomo independente.

Existe as duas formas de se enxergar determinados níveis de trabalho, pela maneira formal ao que se refere a noção de se estar empregado e contar com o registro em carteira, garantindo o seu espaço na estrutura, sendo precário ou não; ou até mesmo pelo trabalho informal algo então que possa garantir a sua própria independência financeira, sem um registro para dizer se o indivíduo é ou não um trabalhador contribuinte. Independentemente das formas de acesso ao mercado de trabalho o objetivo é o mesmo, lidar com desemprego a todo custo e garantir o seu espaço seja a onde e como for.

Partindo agora para uma narrativa pautada no abismo social que distancia brancos e negros, ao que se refere as profissões e ocupações, podemos retomar o debate educacional, para se compreender a relação direta que a educação exerce considerando um dia garantir uma efetiva carreira profissional. Podemos observar diante da tabela número 3, o quão a discrepância educacional brasileira se constitui.

Tabela 3. Discrepâncias educacionais do Brasil.

DISCREPÂNCIA EDUCACIONAIS DO BRASIL		
Dados sobre o ensino da população com 25 anos com base na Pnad Contínua/IBGE do segundo trimestre de 2020		
Ensino/Pessoas	Pretas ou pardas (73,6 milhões)	Branças (60,5 milhões)
Analfabetismo	8,6%	3,9%
Fundamental incompleto	36,2%	27,6%
Fundamental completo	8,1%	7,9%
Médio incompleto	5,3%	3,6%
Médio completo	27,5%	27,3%
Superior incompleto	3,3%	4,8%
Superior completo	11%	24,9%

Tabulação própria (2020)

Como podemos analisar, em comparação dos dados apresentado na tabela, a discrepância educacional entre pessoas pretas/pardas e pessoas brancas é muito grande, 8,6%

das pessoas pretas e pardas não são alfabetizadas (aproximadamente 6,3 milhões de 73,6 milhões), mais do que o dobro de pessoas brancas, que o índice é de 3,9% (aproximadamente 2,3 milhões de 60,5 milhões). Já quando comparamos pessoas com um nível superior de escolaridade temos apenas 11% de pessoas pretas e pardas com ensino superior completo (aproximadamente 8 milhões) e pessoas brancas estão com proporcionalmente mais que o dobro, chegando a 24,9% (aproximadamente 15 milhões).

É importante, entender que existe um grupo populacional no Brasil que ocupa a maioria das vagas em serviços braçais e que exigem pouca qualificação, como os operadores de telemarketing, vigilantes e auxiliares de limpeza, e este mesmo grupo populacional é majoritariamente composto por trabalhadores negros.

¹¹Tabela 4. Mercado de trabalho para Brancos e Negros.

O Mercado de trabalho para brancos e negros	
Empregos que possuem maior quantidade de brancos e negros	
Brancos	
Engenheiro de equipamentos em computação	92%
Engenheiro mecânico automotivo	90%
Professor de medicina	89%
Modelista de calçados	88,5%
Engenheiro aeronáutico	88,4%
Professor de odontologia	88%
Piloto de aeronaves	87,7%
Professor de matemática pura (no Ensino Superior)	87,6%
Desenhista projetista de máquinas	87,4%
Comissário de voo	87,4%
Negros	
Trabalhador de cultura de dendê	92,7%
Trabalhador no cultivo de trepadeiras frutíferas	84,3%
Trabalhador no cultivo de espécies frutíferas rasteiras	83,7%
Criador de camarões	78,3%
Trabalhador de cultura de cacau	78,3%
Agente de higiene e segurança	77,2%
Examinador de cabos, linhas elétricas e telefônicas	76,8%
Trabalhador da cultura de cana-de-açúcar	74,5%
Sinaleiro (ponte rolante)	74,1%
Operador de telemarketing ativo e receptivo	74%

Tabulação própria (2018)

¹¹ Dados da tabela 4. Brancos são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação <<https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml>> Acesso em: 14 de junho de 2021

Já ao que se refere a profissões de “caráter qualificador”, como é caso de profissões como professor de medicina, professor de matemática no ensino superior, e engenheiros da computação, sendo a maioria desses trabalhos, a presença efetiva de pessoas brancas no cargo (GOMES, HELTON. 2018). Respondendo então assim a questão feita anteriormente, existe sim uma segregação espacial mercantil, sendo algumas profissões a presença de um alto índice de pessoas brancas em ocupação e outras profissões terem uma concentração significativa de pessoas negras, algo que se estabelece diretamente pelo fator educacional territorial.

Seria então a busca por uma melhor carreira e condição econômica, associada ao ato de estudar?

2.3 TRABALHO X ESTUDO

Quando o jovem decide seguir uma dupla inserção, estudo e trabalho ao mesmo tempo, e de algum modo obtém sucesso em se manter nos dois, é um jovem considerado diferente, e que por conseguinte se distânciava dos padrões regulares. (SPÓSITO, 2009). Para um jovem periférico, tal diferenciação representa muitas vezes fazer algo que seus antecessores, um dia sonharam em realizar, como ter a oportunidade de ter um diploma, de se obter qualificações o bastante para estar imerso a melhores condições de vida. Por vezes podem até considerar uma resistência, de modo que através do estudo possa superar a trajetória familiar.

“Aqueles que não estudam têm poucas chances de obter e manter-se no mercado de trabalho, uma ocupação profissional que lhes dê satisfação e remuneração condigna.”
(OLIVEIRA apud ABRANTES, 2004, p.123)

Como já mencionado aqui, a permanência deste jovem na escola, depende muito do espaço que lhe está sendo oferecido, de acordo com uma pesquisa feita por Miriam Abramovay, feita pelo Ministério da Educação (MEC); Organização dos Estados Interamericanos (OEI) e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) entre os anos de 2012 e 2013, mostrava que muitos jovens continuam na escola, não somente pelo fator de uma possível garantia de um futuro melhor, mas ao mesmo tempo, por que tem um professor que estabelece uma relação de diálogo com eles e que de alguma forma, mostra preocupação. Sendo assim talvez um possível motivo para a presença de uma consciência que se formula não somente pelas trajetórias de vidas difíceis de seus pais/responsáveis, mas ao mesmo tempo, pela influência do professor em suas vidas, onde a figura, pode estar sempre a salientar também a importância nas buscas de melhores perspectivas de subsistência. É importante entender também que em muitas instituições de ensino público, a presença de jovens que realizam determinada conciliação pode não é vista de forma positiva por parte de alguns professores, pois a ideia de ver um aluno perdendo a matéria dada em sala de aula, e por conseguinte cansado o bastante para não ter o melhor desempenho nas atividades propostas, é algo visto como um problema a ser discutido, já que se criaria a hipótese de uma relativa diferenciação, sobre noção de ser um bom aluno (aquele que faz as coisas e que, portanto, entrega bons resultados). E os alunos regulares (que até realizam as atividades, contudo não apresentam a qualidade considerada necessária naquilo que produzem). (AMARAL, 2015).

Ainda utilizando os dados de Abramovay¹², sobre jovens que realizam a conciliação com o Trabalho e Estudo, eles apontam que quase 60% dos alunos entre os 15 e 19 anos, em algum momento de suas vidas, já adaptaram em suas rotinas, a presença do trabalho e estudo, seja no ensino médio, seja pelo Projovem Urbano¹³ ou seja na modalidade de Educação de Jovens e Adultos ¹⁴(EJA).

Tabela 5. Conciliação entre Trabalho e Estudo.

Conciliação entre Trabalho e Estudo			
	EJA (%)	Ensino médio (%)	Jovens Brasileiros (%)
Estudam	12,1	45,3	41,3
Estudam e trabalham	55	28,9	32,2
Estudam e fazem bicos	12,5	9,7	10,1
Já fizeram 2 atividades	19,1	16,1	10,1

Ministério da Educação (MEC), Organização dos Estados Interamericanos (OEI) e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso)
(2012-2013)

Ao se observar a tabela 5, podemos perceber que apenas 41,3% dos jovens brasileiros, apenas estudam. Já os outros 32,2% conciliam a escola com trabalho, sendo que 10,1% já realizaram bicos. Aqueles que atualmente só estudam, 10,1% já se dedicou às duas atividades em algum momento da trajetória escolar. Este índice cresce exponencialmente entre os jovens estudantes do EJA, sendo que 55% declararam que estudam e trabalham, outros 19,1% já estiveram nessa situação e 12,5% trafegam entre a escola e bicos, para complementar a renda familiar. Somente 12,1% relataram que nunca precisaram fazer as duas atividades ao mesmo tempo. Já ao se observar a realidade do ensino médio, 45,3% dos estudantes só frequentam a

¹² Pesquisa aponta que maioria dos jovens brasileiros concilia trabalho e estudo. < <https://educacaointegral.org.br/reportagens/pesquisa-aponta-maioria-dos-jovens-brasileiros-concilia-trabalho-estudo/>> Acesso em: 24 de novembro de 2021.

¹³ Elevar a escolaridade de jovens com idade entre 18 e 29 anos, que saibam ler e escrever e não tenham concluído o ensino fundamental, visando à conclusão desta etapa por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos integrada à qualificação profissional e o desenvolvimento de ações comunitárias com exercício da cidadania, na forma de curso, conforme previsto no art. 81 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. < <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/projovem-urbano#:>> Acesso em 24 de novembro de 2021.

¹⁴ O EJA é uma modalidade de ensino criada pelo governo federal pela Lei de Diretrizes Básicas e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96). Ela tem o intuito de dar acesso à educação para jovens e adultos que não concluíram o ensino fundamental ou ensino médio. < <https://blog.anhanguera.com/a-importancia-do-eja/>> Acesso em: 24 de novembro de 2021.

escola. 28,9% estudam e trabalham, 9,7% realizam bicos e vão ao colégio, e 16,1% já conciliaram as duas atividades, mas se dedicam apenas aos estudos atualmente.¹⁵

Outro fator pertinente a ser levantado sobre a pesquisa de Abramovay (data) seria a questão da preocupação com o futuro, que muitos jovens nos relatos pontuaram, sobre como podem garantir para seus filhos uma condição de vida melhor do que tiveram “*Eles dizem que não querem que seus filhos tenham as mesmas dificuldades e acreditam que ficando na escola têm uma chance de mudar isso*”¹⁶.

Sendo novamente necessário se abrir a questão da geração como peça fundamental para compreender não somente a presença do trabalho na vida da juventude, mas ao mesmo tempo também a do estudo, algo que podemos observar que pode ser passado de geração para geração por iniciativa própria ou por alguém que os influencia de alguma forma.

¹⁵ Análise de dados <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/pesquisa-aponta-maioria-dos-jovens-brasileiros-concilia-trabalho-estudo/>> Acesso em: 24 de novembro de 2021.

¹⁶ Relato de entrevistado; pesquisa qualitativa de Miriam Abramovay <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/pesquisa-aponta-maioria-dos-jovens-brasileiros-concilia-trabalho-estudo>> Acesso em: 26 de novembro de 2021.

2.5 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS

A coleta de dados para a realização desta pesquisa, se consolidou pelo uso das mídias sociais de cada um dos entrevistados, contato este feito desta forma, por conta do período delicado que se encontrava pandemia de COVID-19, no primeiro semestre de 2021. Utilizando as plataformas para conversas *on line*. Foi por meio de relatórios oferecidos de maneira qualitativa, três entrevistas foram realizadas, para a composição do projeto, sendo então dois rapazes e uma moça. Ambos dentro obviamente da faixa etária sugerida, com o primeiro entrevistado “João”, possuindo 17 anos e estar prestes a terminar o ensino médio na rede pública estadual em 2021. E os outros dois entrevistados, “Maria” e “José”, estando na casa dos 20 anos de idade e já formados no segundo grau de escolarização. Os três entrevistados residem na periferia da zona sul de SP, em Americanópolis (Cidade Ademar).

João trabalha como Telemarketing em uma empresa de cobrança no centro da cidade de São Paulo-República, já Maria até o momento da entrevista trabalhava como Recepcionista em um consultório de oftalmologia também na região central de São Paulo, precisamente na avenida Paulista. E José por sua vez, estava empregado em duas empresas, sendo uma delas registrado como Jovem Aprendiz sendo auxiliar administrativo no setor de segurança do trabalho com o contrato de 1 ano de empregabilidade, e na outra empresa, exercendo a função de atendimento ao cliente para uma empresa de milhagem. Funções estas exercidas pelo sistema de Home Office. O relatório de pesquisa se dividiu em três baterias, sendo elas estudo; trabalho e conflitos.

Ao que se refere a bateria 1, pautada no debate de como o *estudo* era visto pelos três, diante da pergunta “**Você associa o ato de estudar, a garantia de uma boa futura carreira?**” ambos os três em suas respectivas respostas, consideraram sim de maneira positiva, a importância do ato de estudar. Sendo para João, tal ato, algo importante o suficiente para a consistência e garantia de uma melhor condição de vida futura. “*Simm, tenho por mim, que se nós da periferia não estudarmos o suficiente vamos ficar estagnado na mesma.*” Já para Maria, estudar é também uma ferramenta importante para a garantia de uma boa carreira profissional no futuro. José por sua vez, comenta que o aprendizado é necessário sim para a conquista de grandes cargos.

Na bateria 2, sobre *trabalho*, foi possível analisar que os três entrevistados, iniciaram seu processo de inserção ao mundo corporativo, com uma certa similaridade na questão da idade, na faixa dos 14 e 16 anos, considerando assim, que tais inserções vieram de forma

precoce ao mesmo. Diante da pergunta, “**A busca pelo primeiro emprego, partiu de sua própria iniciativa, ou teve certa influência de membros de seu convívio social? (Ex: Família)**”. Tanto para João quanto para José e Maria, contam que tiveram sim uma relativa influência de pessoas da família, porém muito da iniciativa de se arranjar um trabalho, estava caracterizada a uma independência financeira, e na vontade de não depender inteiramente de seus pais/responsáveis.

É importante pontuar que até o momento da entrevista, ambos os entrevistados se encontravam empregados, porém dois deles, no caso João e Maria, relatam que só estão a continuar em determinado trabalho, simplesmente por conta da necessidade. Ao contrário de José, que conta em detalhes como estava sendo a experiência de receber dois salários. Ele comenta: “*Sim, hoje eu trabalhando em dois empregos, um sou jovem aprendiz em serviços administrativos. É uma área que eu já trabalhei e gosto! No outro sou teleoperador, e realizo atendimento via Chat. Está sendo muito desafiador, pois entrei a pouco tempo nessa empresa e nunca havia trabalhado com atendimento ao cliente remotamente como faço.*”

Outra pergunta que foi interessante de se ter resultados, foi como os entrevistados em questão enxergavam o trabalho em suas vidas, João comenta, que o trabalho para ele é uma ferramenta de garantia de seu próprio valor na sociedade, o seu espaço no mundo. Pontuando sempre a importância do estudo para a garantia de melhores condições de trabalho e de vida.

“Acho que me traz uma grande influência, e por mais que seja apenas um cargo de operador de telemarketing, sei do meu valor, e do meu espaço no mundo, ainda preciso trabalhar muito e estudar também para sair disso e alcançar um trabalho melhor.”

Maria não fica muito atrás, e comenta a relação do trabalho associando a independência financeira: “*Pra mim, trabalhar é conquistar minha independência financeira, e assim, poder fazer e comprar o que eu quero, sem ter que depender de ninguém para isso.*”

José comenta também que a independência financeira é algo fundamental quando se pensa em trabalhar, comentando também sua relação com sobrevivência pelo simples fato de estar trabalhando, em plena pandemia da COVID-19.

“Independência financeira e conquistas pessoais. Hoje podemos dizer que sobrevivência é um quesito muito forte também. Pois hoje estamos passando por uma momento extremamente complicado”

Ainda se tratando da bateria 2 de **trabalho**, foi feita a pergunta, considerada intermediadora para se compreender a noção de conciliação entre o ato de trabalhar e estudar

ao mesmo tempo. **“Você em algum momento já passou pela experiência de conciliar o estudo, com o trabalho, e com a vida pessoal?”** João e José alegaram que tal experiência de articulação é de fato muito difícil de ser administrada, sendo caracterizada para João, algo que é extremamente corrido e cansativo. Já para José que particularmente passou por tal experiência aos 15 anos de idade, conta que não foi uma tarefa fácil de se fazer, e que de alguma forma não conseguia executar com efetividade suas próprias ações para fazer aquilo dar certo. Maria por sua vez, relata de forma minuciosa sua relação com tal situação:

“Sim. Apesar de ainda não estar na faculdade e fazer apenas um curso livre de espanhol, desde que comecei a trabalhar tenho muita dificuldade em conciliar o trabalho com o estudo. Além do trabalho ser muito cansativo, o tempo de deslocamento entre casa-trabalho só aumenta o desgaste diário, então, em meu tempo "livre", que seria para estudar, estou já muito cansada e assim não consigo ser tão produtiva e aprender tanto quanto era antes de trabalhar. Pretendo começar a faculdade em breve e continuar fazendo outros cursos, e eu gostaria de parar de trabalhar por um tempo, para assim me dedicar totalmente aos estudos, porém, para mim só é possível estudar se eu estiver trabalhando para pagar por meus estudos, então por mais que eu queira somente estudar, não é possível no momento”

Se tratando agora da última bateria de perguntas, sobre **conflitos**, as perguntas da entrevista, seriam pautadas exclusivamente para obter entendimento sobre se existiria uma possível existência ou não de conflitos internos para os entrevistados, isso desde a questão racial, econômica e sobre como mesmo enxerga seu futuro.

Desta maneira, quando perguntado, **“Para você, não possuir determinadas especializações no currículo, pode ser um fator, que pode prejudicar alguém, em uma possível contratação? (Ex: Inglês, Informática, cursos profissionalizantes).”** João, Maria e José, relatam que a presença de cursos de qualificação são um diferencial sim no currículo. Para João, algumas exigências curriculares se apresentam como uma ferramenta de comparação, o que para ele é algo considerado desnecessário. Já para Maria e José, as qualificações curriculares servem para saber a relevância ou não de um currículo de uma pessoa. Isso desde a um curso de idiomas, Informática e até mesmo de administração, obter a garantia do conhecimento e ao mesmo tempo também adquirir a experiência na área na qual está se candidatando.

Tal posto a isso, diante dos três relatos colhidos, João e Maria contaram de maneira breve, sobre a como foi a experiência de ter seu currículo “descartado” João diz: *“Uma vez*

questionaram sobre o inglês que seria um diferencial, era pra trabalhar num escritório, e não me deram retorno da vaga.” Já Maria, conta minuciosidade tal situação presenciada: “Sim. Me lembro de uma das minhas primeiras entrevistas, quando o recrutador me questionou sobre conhecimento em pacote office, informática básica e administração. Naquele momento, eu ainda não havia feito nenhum curso desses que ele tinha citado e me lembro dele dizendo o quão concorrido era o mercado de trabalho e quão mais difícil era para as pessoas que não possuíam nenhum curso no currículo, conseguirem uma vaga de emprego.”

Ainda abordando o tópico de **conflitos**, na bateria 3, foi possível perceber que a questão do fator racial não foi tão pontuada pelos entrevistados em suas trajetórias profissionais, pelo menos até o momento da entrevista. Por meio da pergunta, “**Ser uma pessoa negra, já te impactou de alguma forma, no momento de uma possível contratação? Se não, por acaso já presenciou ou soube, de alguma situação parecida?**”. Maria comenta, que o fator racial nunca a impactou de maneira direta, porém comentou sobre um breve relato de uma colega que passou.

“Eu acredito que não. Porém, já soube de vários casos, como por exemplo, o de uma conhecida que trabalha no RH de uma empresa. Sua gestora, no momento de classificar para a próxima etapa do processo, os candidatos que haviam feito a entrevista, disse que eliminaria dois candidatos e que se recusava a contratar alguém com “aquele cabelo” para a empresa. Os dois candidatos em questão eram negros.”

Quando perguntado ao José, sobre a questão racial em sua vida profissional, o mesmo declara também que nunca teve problemas, e que nunca também presenciou tal situação. João de outro modo, comenta como enxerga a questão racial em sua vida, mesmo não efetivamente estar relacionada a sua trajetória profissional: “*No geral em entrevista de empregos não, mas nós que somos negros somos vistos de maus olhos nas maiorias do lugares sendo em lojas, supermercados, shoppings, enfim ainda vivemos em uma sociedade extremamente perigosa e preconceituosa.”*

Se tratando agora de como cada um enxerga sua vida profissional, e quais seriam as suas expectativas para o futuro, cada entrevistado respondeu de maneira detalhada quais seriam seus principais objetivos. João então comenta:

“Quero um futuro melhor, uma perspectiva melhor, estudar muito, fazer minha faculdade, quero fazer faculdade de jornalismo e conseguir um bom emprego na área, e acho que se estudarmos é a chave para tudo!!!”.

Maria no que lhe diz respeito relata sua perspectiva sobre a questão:

“Nas circunstâncias atuais, é um pouco difícil dizer o que espero para o futuro, mas tenho a expectativa de finalmente começar a faculdade e de me formar, e assim, trabalhar com algo que eu realmente gosto. Quero, além da graduação, fazer vários cursos na minha área (Marketing), continuar aprendendo outros idiomas e estudar fora do país, tenho certeza de que irá enriquecer o meu currículo e me fará uma profissional mais preparada.”

José não fica de fora e faz sua própria descrição sobre sua vida em futuro breve:

“Desejo conquistar tudo que sonho e tenho vontade, em todas as áreas da minha vida. Profissionalmente, quero estudar e arrumar um bom emprego. E pessoalmente, quero paz, felicidade, uma família, casa própria e viajar o mundo, em busca de coisas novas.”

Sendo então a partir dos dados aqui colhidos, existe sim uma relativa semelhança de opiniões quando se trata sobre os tópicos de trabalho e estudo na perspectivas dos entrevistados, observando que o estudo é necessário para conseguir determinada qualificação curricular, para assim conseguir uma futura experiência profissional, até mesmo ao se pensar em uma possível futura profissão. E o trabalho como uma ferramenta importante para a obtenção da conquista de seus futuros planos. Ao analisar que a questão do fator racial para os entrevistados, foi interessante observar que não foi um tópico a ser pontuado com maior veemência, sendo assim me dispus a criar duas hipóteses, para se alcançar uma possível justificativa para isso. Sendo a primeira delas de modo que possivelmente, os entrevistados ainda não passaram por tal situação ainda por serem relativamente muito novos, e outra hipótese se debruça pelo fator de que em muitos casos a presença efetiva de pessoas pretas em ambientes considerados branquificados, se torna em seu imaginário algo tão comum, (considerando que desde o nosso nascimento estamos permeados a uma estrutura demasiadamente branca e com ideais meritocráticos), que uma possível percepção de uma situação que pode ter tido um ato de racismo, pode não se apresentar como um discernimento pontual em dado momento. De qualquer forma, ambas das situações, decorrem de uma narrativa construída em cima de uma estrutura extremamente racista, e as chances de uma hora ou outra, algo que era considerado imperceptível, talvez possa ocasionar sim a uma futura percepção.

CONCLUSÃO

Este artigo, teve como premissa fundamental entender o porquê dá importância da presença de rapazes e moças pretos e periféricos ao mundo do trabalho, pela sua própria independência, seu próprio reconhecimento e de certa forma, entender a sua própria corporalidade na estrutura social em seu nível mais pessoal.

A busca e alcance de metas, é algo de extrema importância para essas pessoas, de modo que na pesquisa se constatou que de fato a uma ideia positiva em relação ao ato de estudar, a maneira que este mesmo jovem encontra para se autoqualificar, e garantir experiências suficientes, para sempre estar em busca de algo melhor para sua vida.

A educação se mostra um artifício fundamental para se conseguir melhores qualidades de subsistência, e quando me refiro a educação, trago não apenas a noção acadêmica da coisa, mas sim a própria vivência que cada indivíduo possui consigo, e que ao mesmo tempo, ao longo de toda sua trajetória vai compartilhando. E ao mesmo tempo absorvendo de outras pessoas que em algum momento podem apresentar similaridades com sua história de vida, ou até mesmo simplesmente possuir caminhos, valores e experiências diferentes das suas, sendo talvez aí, a importância de se construir uma noção de ancestralidade, que talvez não precise apenas ter como pauta o sentido antecessor da discussão, mas ao mesmo tempo, de um possível compartilhamento futuro de conhecimento, do passado para o presente, e do presente para o futuro. Sendo casualmente o mais importante de tudo isso, é dar a chance de estar com a mente aberta o suficiente para assim garantir qualquer nível de aprendizado.

É diante de novas experiências que esse mesmo grupo de pessoas, desenvolvem si mesmos, a sua própria noção de pertencimento, o ato de frequentar lugares que um dia lhe foi negado acessar. Diante dessa pesquisa realizada, pude observar que a rotina de trabalho e o estudo, andam lado a lado, quando se trata principalmente de sacrifícios momentâneos para a construção de um futuro considerado melhor. É pelo estudo, que aquele menino/menina da periferia, terá a oportunidade de conseguir aquele tão sonhado curso ou vaga de emprego, e é pelo trabalho que ele irá garantir sua própria independência financeira para se autoqualificar, diante de que para se fazer determinado ou curso, ou conseguir determinada qualificação para a vaga, a questão financeira sempre se mostrará como um mecanismo necessário para a garantia desta auto qualificação.

Não esquecendo de maneira nenhuma também a importância do empreendedorismo que para muitos jovens, serve como um valioso escape, para lidar com estruturas desiguais que o próprio capitalismo se estabelece, lidar com o desemprego, garantir sua sobrevivência, e

principalmente garantir a sua própria autonomia diante das circunstâncias que lhe foram impostas, economicamente e politicamente falando.

A vontade de continuar lutando por algo maior mesmo que de sua respectiva maneira, garantindo algo que em muitas gerações anteriores de sua família, o ter acesso a escola ou melhores condições de vida era algo muita das vezes difícil de se conquistar. Isso desde a um diploma na faculdade, ou simplesmente não estar imerso a condições muitas vezes precárias de trabalho.

É importante ressaltar, que diante de toda parte teórica da pesquisa, a questão racial foi a todo momento pontuada, e fazendo um contraponto a isso, foi por meio da coleta de dados obtidas através das entrevistas realizadas, tal questão não se mostrou presente, de modo a não ser algo visto ou vivenciado pelos entrevistados. Mesmo sendo algo que ambos sentem na pele a todo momento e que foi observado durante toda a entrevista. Porém ao que se refere ao mercado de trabalho nem tanto assim.

Mostrando novamente, o quão estamos a todo momento permeados a uma sociedade que foi construída com o intuito de mascarar os problemas que a discriminação racial apresenta em toda estrutura social brasileira. Construída com suor e sangue de povos escravizados, precisamente em relação ao povo negro, e quando pensamos no sentido da própria contemporaneidade, muita coisa ainda está longe de mudar.

Porém é importante lembrar que existem muitas formas de resistência ao racismo, e estar permeado a lugares que um dia eram considerados exclusivos para pessoas brancas e ricas, é só uma das maneiras mais eficazes de mostrar que ainda estamos aqui e a nossa devida importância, isto é, frequentando a universidade mais cara da cidade, ou até concorrendo a uma vaga que a 40, 50, 60 anos atrás era algo impensado, para um pessoa preta e de origem humilde.

A luta sempre será grande para se realizar de fato uma mudança drástica na estrutura, porém ter a garantia de pertencimento, de reconhecimento, e principalmente de resistência, para aqueles que sempre foram colocados a margem socialmente e economicamente falando, é algo fundamental para a tão sonhada queda de um sistema que tem por base beneficiar uns e prejudicar outros, critérios esses estabelecidos não somente pela cor da pele, mas ao mesmo tempo, de qualidade de vida e condições de subsistência e de sobrevivência.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Nyedja Nara Furtado de. **Trabalho e Estudo: Uma conciliação desafiante**. REALIZE Editora. Campina Grande. 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/16638645-Trabalho-e-estudo-uma-conciliacao-desafiante.html>> Acesso em: 25 de novembro de 2021.
- AMARAL, Lucas Bottino do. **Jovens em uma intersecção entre escola e trabalho: os sentidos da permanência**. 17º Congresso Brasileiro de Sociologia. Porto Alegre. 2015. Disponível em: < **Jovens em uma intersecção entre escola e trabalho os sentidos de permanência.PDF** > Acesso em: 25 de novembro de 2021.
- ARAÚJO, L, A. LISBOA, P, A. **Negros de 14 a 29 anos desempregados são quase o dobro dos brancos**. Correio Brasiliense. 15 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2020/11/4888994-negros-de-14-a-29-anos-desempregados-sao-quase-o-dobro-dos-brancos.html>> Acesso em: 10 de Junho de 2021.
- BENTO, S, A, M. BEGHIN, N. **JUVENTUDE NEGRA E EXCLUSÃO RADICAL**. V. 11. políticas sociais- acompanhamento e análise. Agosto de 2005. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4583/1/bps_n.11_juventudeENSAIO4_Maria11.pdf> Acesso em: 10 de junho de 2021.
- BERGAMIN, Martha. **Juventude, trabalho e cultura periférica: a experiência da Agência Popular de Cultura Solano Trindade**. V.1, Caderno Adenauer XVI, 2015. Disponível em: <<https://agenciasolanotrindade.com.br/2020/12/11/juventude-trabalho-e-cultura-periferica-a-experiencia-da-agencia-popular-de-cultura-solano-trindade/>> Acesso em: 30 de março. 2021.
- CARROCHANO, M.; ABRAMO, L. **Juventude, Educação e Trabalho decente: a construção de uma agenda**. Linhas Críticas, Brasília, V.22, N.47, p.110-129, jan/abr. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4789>> Acesso em: 2 de abril. 2021.
- Estudos e Pesquisas-Informação Demográfica e Socioeconômica**. IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf> Acesso em: 05 de maio. 2021.
- GUIA TRABALHISTA. **Tipos de trabalho formal e informal, voluntário, autônomo e outros**. Disponível em: <<https://www.guiatrabalho.com.br/tipos-de-trabalho.html>> Acesso em 21 out. 2021
- GUIMARÃES, Alexandre Queiroz; ALMEIDA, Mariana Eugenio. **Os Jovens e o Mercado de Trabalho: evolução e desafios da Política de Emprego no Brasil**. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/temasadm/article/viewFile/6845/4926>> Acesso em 25 out. 2021.
- GOMES, H., SIMÕES. **Branco são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação**. G1, 14 de maio de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml>> Acesso em: 14 de junho de 2021.

JARDIM, Fabiana. **Entre o desalento e a invenção: experiências de desemprego em São Paulo**. V.1, p: 1-285, 2004. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-01092006-162820/pt-br.php> > Acesso em: 30 de abril. 2021.

KAROLYNE, Audryn. **Como funciona o Programa Jovem Aprendiz**. Folha dirigida-blog. 13 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://folhadirigida.com.br/blog/jovem-aprendiz/> > Acesso em: 11 de junho de 2021.

LEANDRO, Marcos. **O que você precisa saber sobre cotas raciais?** Folha+, 18 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://folhadirigida.com.br/mais/noticias/diversidade/cotas-raciais> > Acesso em: 11 de junho de 2021.

OLIVEIRA, Marco Antônio Garcia. **O novo mercado de trabalho**. Guia para iniciantes e sobreviventes. Rio de Janeiro, editora Senac Rio. 2 ed. 2004. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2012/ed3d2c21991e3bef5e069713af9fa6ca.pdf>> Acesso em 25 de novembro de 2021.

PEREIRA, Luiz. **Trabalho e desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965. Disponível em: <[PROF_PAULO_SILVINO_TRABALHO_E_DESENVOLVIMENTO_NO_BRASIL_CAP_01.pdf](http://neadfespsp.com.br/PROF_PAULO_SILVINO_TRABALHO_E_DESENVOLVIMENTO_NO_BRASIL_CAP_01.pdf) (neadfespsp.com.br)>

SENA, Victor. **Consciência Negra: Gráficos mostram abismo racial no Mercado de Trabalho**. EXAME. 17 de novembro de 2020. Home-Carreira. Disponível em: <<https://exame.com/carreira/consciencia-negra-graficos-mostram-abismo-racial-no-mercado-de-trabalho/>> Acesso em 05 de maio. 2021.

SILVA, A. COSTA. A. **Políticas e Programas Públicos que Oportunizam a Inserção do Jovem no Mercado de Trabalho**. Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia. 2019. Disponível em:<<https://idonline.emnuvens.com.br>> Acesso em: 11 de novembro de 2021.

SILVA, Gleicy Maily da. **Cultura Negra e empreendedorismo: sensibilidades políticas e reivindicações econômicas e o engajamento através do Mercado**. Anuário Antropológico. Brasília. UnB. 2018. v.43. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas_vol_43_n1_julho2018/artigo_cultura_negra.pdf> Acesso em: 11 de novembro de 2021.

SILVA, Wellington Souza. **Mercado de Trabalho**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/economia/mercado-de-trabalho/>> Acesso em 21 de outubro de 2021.

SPÓSITO, Marília Pontes. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. V.1. Belo Horizonte. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/luizh/Desktop/EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual_0.pdf > Acesso em: 25 de novembro de 2021.